



A descoberta do amor para as amoras: uma análise das descobertas sexuais em *Amora*, de Natalia Borges Polesso

Juliana Boeira da Silva¹

RESUMO: Este artigo tem como propósito abordar a temática das descobertas amorosas e sexuais nos contos “Primeiras vezes”, “Vó, a senhora é lésbica?”, “Flor, flores, ferro retorcido”, “Minha prima está na cidade”, “Amora” e “Umhas pernas grossas”, presentes no livro *Amora* (2015), de Natalia Borges Polesso. O objetivo é delinear como ocorre esse movimento inicial rumo às relações amorosas se tratando da experiência de personagens lésbicas, uma vez que a literatura, em predominância, concentra-se em falar dessa temática apenas retratando relações heterossexuais. Para tanto, será utilizado o aporte teórico de Simone de Beauvoir, Tania Navarro-Swain, Lúcia Facco e Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Afetividade lésbica. Sexualidade. *Amora*.

ABSTRACT: In this article, we propose to discuss the sexual and romantic coming of age in the short stories “Primeiras vezes”, “Vó, a senhora é lésbica?”, “Flor, flores, ferro retorcido”, “Minha prima está na cidade”, “Amora” and “Umhas pernas grossas”, from the book *Amora* (2015), by author Natalia Borges Polesso. Our aim is to highlight the initial movements towards lesbian romantic relationships, since most works on literature only focus on the development of heterosexual relationships. For such, we apply the theoretical input of Simone de Beauvoir, Tania Navarro-Swain, Lúcia Facco and Michel Foucault.

KEYWORDS: Gender. Lesbian relationships. Sexuality. *Amora*.

Natalia Borges Polesso, natural de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, é um dos principais nomes da literatura contemporânea que se debruça sobre os temas de gênero e sexualidade. A doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS é autora, entre outros títulos, de *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (2013), obra vencedora do prêmio Açorianos de Literatura, na categoria contos, em 2013, e *Amora* (2015), do qual falaremos neste artigo, vencedor dos prêmios Açorianos de Literatura, na categoria contos, em 2016, Jabuti Escolha do leitor e primeiro lugar na categoria contos e crônicas, também do Prêmio Jabuti.

Amora, publicado em 2015 pela Não Editora, é uma coletânea de trinta e três contos, divididos entre as partes *Grandes e sumarentas*, que contém vinte e sete textos com uma média de cinco páginas cada, e *Pequenas e ácidas*, composto por seis minicontos. A temática geral da coletânea é dada pela literatura lésbica. Dessa forma, esse assunto toca todos os contos, direta ou indiretamente. Não é possível, entretanto, afirmar que *Amora*

¹ Mestranda do em Letras (UFRGS).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

discorre apenas sobre a temática da sexualidade lésbica. Seus contos tratam de temas presentes na vivência dos mais diferentes seres humanos: amor, relações familiares, primeiras vezes, decepções. Essas questões, portanto, transformam *Amora* em um livro abrangente, tocante e muito atual.

Neste artigo, pretende-se tratar da temática das descobertas sexuais no mundo lésbico, uma vez que tal assunto é precariamente abordado na literatura brasileira. Há inúmeros exemplos de livros em que podemos encontrar personagens que estão em um momento de descoberta da sua sexualidade, como *O Ateneu*, de Raul Pompeia, publicado em 1888, e *Amar, Verbo Intransitivo*, publicado em 1927, por Mário de Andrade. Existe, no entanto, dificuldade de encontrar na nossa literatura alguma obra que se debruce sobre a sexualidade lésbica em seu momento de descobertas. É possível apontar, por exemplo, em *O Cortiço* (1890, de Aluísio de Azevedo), a relação entre Pombinha e Léonie. Essa, contudo, é marcada por estereótipos de gênero e tem um tom moralista de quase infração, o que, portanto, não representa as relações cotidianas e atuais de homoafetividade entre mulheres.

Para analisar uma representação contemporânea da descoberta da sexualidade lésbica, os contos escolhidos em *Amora* foram os seguintes: “Primeiras vezes”, “Vó, a senhora é lésbica?”, “Flor, flores, ferro retorcido”, “Minha prima está na cidade”, “Amora” e “Umas pernas grossas”. Essa seleção se deu com base no critério de privilegiar contos que falem abertamente sobre a descoberta sexual lésbica, ainda que essa não seja a sua temática principal, uma vez que, como já afirmado anteriormente, Natalia Borges Polessio abrange inúmeros aspectos da pluralidade humana em suas histórias. A intenção deste artigo é traçar essas narrativas e entender como são descritas as primeiras experiências sexuais de uma jovem quando deslocadas para o contexto homoafetivo.

As amoras de *Amora*



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

Em “Primeiras vezes”, Polesso conta a história de uma jovem que deseja perder a sua virgindade, uma vez que esse marco já havia se dado para a maioria de suas amigas. “Não aguentava mais aquilo de ser virgem. Dezesete anos e parecia um pecado. Estava cansada de mentir para as colegas como tinha sido a sua primeira vez” (POLESSO, 2015, p. 14). Diante disso, a personagem decide transar com um homem para dar fim à sua situação de virgindade. O escolhido é Luís Augusto Marcelo Dias Prado, que decide namorar com o intuito de finalmente ter a sua primeira experiência sexual. A jovem, contudo, narra ter sentimentos por uma colega sua, Letícia, com quem ela encontra em uma festa. Em meio a uma conversa onde as duas estão fumando e bebendo juntas, a protagonista do conto admite ter vontade de beijá-la.

Aquilo tinha se enraizado intensamente nas suas sensações diárias. A boca vermelha de Letícia. Os pensamentos há anos presos num lugar escuro da cabeça, agora soltos em palavras. Palavras que foram parar na cabeça de Letícia. Nunca tinha confessado aquelas coisas a ninguém, e, durante todas as sextas-feiras que se seguiram até o dia em que foi para a casa de Luís Augusto Marcelo Dias Prado, parecia que jamais as tivesse confessado. (POLESSO, 2015, p. 17)

Neste trecho inicial, vê-se como a personagem, mesmo sentindo desejos sexuais claros por Letícia, decide, ainda assim, seguir seu plano de perder a virgindade com Luís Augusto. Pode-se atribuir essa escolha a dois motivos: primeiro, o medo de declarar um desejo lésbico, culturalmente proibido, sem saber se ele é correspondido. Segundo, a ideia de que virgindade é relacionada estritamente a uma relação heterossexual, sendo necessário um ato de penetração para que não se seja mais virgem. Em *História da sexualidade I* (1988), Michel Foucault relaciona sexo e poder, mostrando as relações sexuais como instrumento, muitas vezes, de repressão dentro de uma sociedade. Relações sexuais não-heteronormativas fogem ao imposto pelas instituições sociais. Sobre a importância do sexo para o mundo em que vivemos, Foucault observou:

É que ele se encontra na articulação entre os dois eixos ao longo dos quais se desenvolveu toda a tecnologia política da vida. De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros; dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todos um micropoder sobre o corpo; mas, também, dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente. (FOUCAULT, 1988, p. 136)

Logo, é importante entender como o sexo exerce esse poder de regulação sobre os corpos da sociedade em que vivemos. Isso torna-se claro, ao analisarmos “Primeiras vezes”, uma vez que a reflexão da protagonista do conto se dá em torno de sua virgindade em um momento que ela acredita ser tardio. Essa situação também é o que gera sua movimentação ao longo do texto, colocando como plano principal em sua existência, aos dezessete anos, inserir-se no local em que suas colegas e amigas já estão inseridas: o de não-irgens. Essa autorregulação do que é normal ou não para uma certa idade, nesse caso, coloca de lado os verdadeiros desejos da personagem - relacionar-se com Letícia, não com Luís Augusto Marcelo Dias Prado.

Na sequência do conto, a protagonista, após finalmente perder sua virgindade, desvencilha-se da relação com Luís Augusto e procura Letícia para contá-la que gostaria de tê-la beijado no passado. Essa confissão faz com que ela sinta vergonha, acanhada de ir à escola e encontrar a colega posteriormente. Encontraram-se, então, em uma festa de algum colega, onde Letícia tomou a iniciativa de levá-la para um carro onde elas poderiam consumir os seus desejos. “Nenhuma das duas teve tempo de tirar o sutiã. Foi tudo desajeitado, como são geralmente as primeiras vezes. Cheias de dentes que batem e movimentos de desencaixe” (POLESSO, 2015, p. 19).

Há, portanto, por parte da protagonista, um entendimento de segunda primeira vez. Ela reconhece no ato com Letícia a descoberta de uma outra sexualidade, essa, talvez, muito mais ligada ao desejo do que ao cumprimento de normas sociais. Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1949/2016), discorre sobre como as relações homoafetivas entre mulheres são, muitas vezes, permeadas pelo cuidado e pela ausência de subjugação de um sujeito pelo outro:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

Entre mulheres, o amor é contemplação: as carícias são menos destinadas a se apropriar do outro do que a recriar-se lentamente através dele; a separação está abolida, não há nem luta, nem vitória, nem derrota; dentro de uma exata reciprocidade cada qual é ao mesmo tempo sujeito e objeto, a soberana e a escrava; a dualidade é cumplicidade. (BEAUVOIR, 1949/2016, p. 174)

Isso torna as experiências sexuais mais horizontais entre duas mulheres em relação à afetividade heterossexual. Assim, o peso de uma “primeira vez” fica diluído para a protagonista do conto de Polesso, uma vez que ela enxerga em sua parceira uma igual, alguém que entende e sente de maneira semelhante a ela.

O segundo conto de *Amora* analisado é “Vó, a senhora é lésbica?”, que começa pela narração, em primeira pessoa, de Joana, contando sobre o dia em que Joaquim, seu primo, perguntou à avó deles se ela era lésbica.

Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contraí o peito, esperando o tiro. Atrás das minhas pálpebras, Taís e eu nos beijávamos no último corredor da área de humanas da biblioteca da faculdade. (POLESSO, 2015, p. 34)

Diante da pergunta, Joana começa a discorrer sobre a relação com a sua avó, que cuidou dela durante sua infância. Além disso, ela entra no campo em que narra seu romance com Taís, sua colega de faculdade:

Ela disse que precisava de um livro, mas que não lembrava o nome, no entanto, disse que sabia onde ficava e fomos indo para o último corredor, sem janela e com uma luz fraca. Ali no fundo, ela disse, e me arrastou pela mão até onde a prateleira quase se encostava à parede. Pegou o livro e deu uma olhada dentro. Depois, ergueu os olhos para mim e com uma mão muito rápida me puxou pela gola do blusão para bem perto dela e encostou a testa na minha. Eu sabia o que fazer, só que nunca tinha feito. (POLESSO, 2015, p. 37)

É importante, em primeiro lugar, marcar o fato de que Joana estuda Letras, especificamente com foco em literatura, enquanto Taís, sua colega, é pesquisadora na área da linguística. Essa informação dá um tom autobiográfico à personagem, uma vez que Natalia Borges Polesso também se formou na faculdade de Letras e pesquisa a área de Teoria da Literatura. Além disso, vê-se, no excerto, que Taís constitui o primeiro



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

envolvimento lésbico de Joana, uma vez que a narradora afirma que sabia o que fazer quando elas se beijaram pela primeira, mas nunca tinha o feito. Mais uma vez, há a aparição de um momento de descoberta da sexualidade homoafetiva, em que fica implícito que havia previamente um desejo por parte da personagem, mas o ato, em si, tardou a acontecer. Sobre a iniciação sexual feminina, cita-se novamente Beauvoir, que discorre sobre as diferenças do começo da vida sexual masculina e feminina: “Uma educação severa, o medo do pecado, o medo de culpabilidade em relação à mãe cria barreiras poderosas” (BEAUVOIR, 1949/2016, p. 132). É válido ressaltar que essa dificuldade em se expressar sexualmente já se dá em mulheres que se consideram heterossexuais. A homossexualidade soma mais um atributo na barreira que existe entre o desejo feminino e a sua realização carnal.

Além da relação entre Joana e Taís, “Vó, a senhora é lésbica?” foca, especialmente, na descoberta - ou aceitação - da neta a respeito da sexualidade de sua avó Clarissa. Ela narra a relação entre Clarissa e tia Carolina, figura sempre presente em sua vida. Tia Carolina, segundo Joana, frequentou a casa de sua avó a vida inteira, diariamente. Quando a relação entre elas teve um rompimento, sem motivo identificado, a personagem narra a tristeza que consumiu vó Clarissa, que chorava pela casa. É com surpresa que Joana é chamada por sua avó para conversar sobre a pergunta de seu outro neto, Joaquim, sobre a sexualidade da senhora. Vó Clarissa afirma a Joana que sim, é lésbica, e mantém uma relação de anos com tia Carolina. Diante da revelação, Joana pensa sobre a diferença nas relações homoafetivas no passado e no presente:

Porém me ocorreu lembrar que a tia Carolina tinha sido casada com seu Carlos. Me ocorreu que talvez ela não pudesse ficar com a minha vó. Me ocorreu que nunca tivessem dançado, nem bebido juntas, ou sim. Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. (POLESSO, 2015, p. 41)

A divagação sobre o relacionamento extraoficial de vó Clarissa leva a narradora a refletir sobre a aceitação social de um casal lésbico da idade de sua avó. Nesse panorama



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

do passado, Tania Navarro-Swain, em *O que é lesbianismo* (2004), manifesta-se sobre o estigma que a mulher lésbica, muitas vezes, carrega:

Crime ou loucura, a recusa das mulheres de assumir o seu papel “natural” de mãe e esposa leva-as à morte, à prisão, ao internamento, à exclusão. O celibato, sintoma do lesbianismo, é da mesma forma um indício da desordem e sua punição pode ser, nas sociedades ocidentais, a marginalização ou o internamento, além do ridículo e da derrisão. (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 36)

Vê-se, dessa forma, que há, ainda hoje, uma segregação social da mulher lésbica, seja por meio da sociedade, que a vê como um ser disruptivo, seja por meio de si mesma, que se afasta para poder viver seus desejos. Essa realidade, contudo, era muito mais severa no passado, quando o número de mulheres *no armário* era elevado, devido a uma estrutura de sociedade ainda mais heteronormativa. Tal circunstância se aplica ao caso de vó Clarissa e tia Carolina, que se mantêm, socialmente, com um título de amizade e, apenas no privado, exercem sua relação amorosa.

“Flor, flores e ferro retorcido”, o terceiro conto analisado neste artigo, narrado também em primeira pessoa, apresenta-nos a história de uma menina que ouve, durante um almoço, sua família chamar sua vizinha que trabalhava em uma oficina de “machorra”. A partir disso, a história se desenvolve com a menina tentando descobrir “o que é uma machorra”. Sua mãe, em uma das tentativas, diz que “machorra” é uma doença, o que leva a menina a ir até a casa da vizinha e levá-la flores, uma vez que esta estava doente. O que Natalia Borges Polessso trabalha aqui é a ingenuidade infantil. Fica evidente, no comportamento da menina, que as concepções de positivo e negativo formam-se ao longo da existência humana. Sem saber o significado de “machorra”, sem julgar a performance de gênero ou o comportamento sexual de sua vizinha, a menina sente-se compadecida pela possível doença de alguém que vive em seu bairro.

Entre um soluço e outro, eu ficava tentando entender o que era uma machorra e por que aquilo tinha ofendido a vizinha e preocupado a minha mãe. Cheguei à conclusão de que deveria perguntar mais uma vez. É uma doença, minha filha. A vizinha é doente. Voltei para o quarto quase satisfeita. Se era doença, por que não tinham me dito logo? Fiquei pensando se era contagiosa, mas concluí que não era, porque a mecânica estava sempre cheia. (POLESSO, 2015, p. 59)



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

É relevante marcar que há aqui, possivelmente, uma associação entre trabalhar em uma oficina mecânica e ser lésbica. Simone de Beauvoir escreve sobre essa estereotipificação de gênero. A autora reconhece a heterossexualidade como algo que não precisa somente *ser*, mas que também deve *parecer*. Isso se dá por meio do construto de feminilidade, que atinge o sexo feminino como um todo. Mulheres que performam “características masculinas” devem, portanto, ser “machorras”, como dizem os pais da narradora do conto de Polesso. No trecho a seguir, Beauvoir observa:

O grande mal-entendido em que repousa esse sistema de interpretação está em que se admite que é *natural* para o ser humano feminino fazer de si uma mulher *feminina*: não basta ser uma heterossexual, nem mesmo uma mãe, para realizar esse ideal; “a verdadeira mulher” é um produto artificial que a civilização fabrica [...] (BEAUVOIR, 1949/2016, p. 165)

A menina de “Flor, flores e ferro retorcido” conhece, então, sua vizinha “machorra”. Ela descobre que seu nome é Florlinda e diz que “parecia uma flor mesmo” (2016, p. 61). Esse contato basta para quebrar uma expectativa na menina: apesar de seus pais usarem o termo “machorra” para algo negativo, a narradora não consegue entender por que Florlinda deveria ser caracterizada como alguém doente, uma vez que é amável e cordial com a menina. Há, então, uma desconstrução desse papel na infância da menina, permitindo que um estereótipo de gênero e sexualidade seja quebrado.

Sobre o medo da não-aceitação em um mundo heteronormativo, Natalia Borges Polesso escreveu “Minha prima está na cidade”. Este conto, também narrado em terceira pessoa, fala sobre uma personagem que decide convidar seus colegas de trabalho para jantar em sua casa enquanto sua namorada, Bruna, está viajando:

Aproveitei que a Bruna estava viajando e decidi convidar o pessoal da firma. É que eu nunca tinha falado da Bruna para nenhuma das minhas colegas. Eu trabalho num lugar que não me permite fazer isso. Sei lá, a Bruna é designer, acho que, no meio em que ela circula, é mais fácil aceitar. Eu vou jantar com os amigos da Bruna, amigos do trabalho. Eles sabem que a gente é um casal, porque a Bruna não tem problemas com isso. Eu tenho. Quer dizer, já tive mais, mas agora consigo lidar até bem com essa questão de sexualidade, claro, dentro da minha cabeça. Não conto para muitas pessoas, tem gente que não precisa saber, não faz diferença. Por exemplo, as minhas colegas de trabalho não precisam saber, nem minha família. (POLESSO, 2015, p. 75)



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

A narradora, aqui, fala sobre sua dificuldade de lidar com o fato de fazer parte de um casal lésbico. Ela diz que já se incomodou mais com a sua sexualidade, que hoje lida melhor, mas que sua família, por exemplo, não precisa saber do seu relacionamento. Fica implícito na narrativa que, apesar de a personagem dizer que se sente, hoje em dia, mais confortável com sua sexualidade, ela na verdade não consegue expor esse fator da sua vida para pessoas que lhe são importantes. O jantar feito em sua casa, porém, foi interrompido pela chegada antecipada da viagem de Bruna, que aparece, só de toalha, em frente aos colegas de trabalho da narradora. Assustada, envergonhada e incapaz de sustentar a verdade, Bruna é por ela apresentada como uma prima que estava em sua casa para fazer a prova do Enem.

Pensando nisso, há inúmeras questões que permeiam a resistência em assumir-se lésbica para a sociedade. Uma delas é a quebra da expectativa do papel que uma mulher deve exercer. Navarro-Swain discorre sobre o assunto: “A prática heterossexual aparece assim como condição *sine qua non* para a realização do destino último das mulheres: a maternidade. É também marco de sanidade mental, de inserção social, de uma perfeita consonância com a “natureza” das coisas” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 57). Dessa forma, externar sua sexualidade para sua família e seus amigos, nesse conto de *Amora*, significa quebrar com um ideário criado não só por aquele grupo, mas por todo um corpo social. Ainda, então, que nesse conto já exista uma maturidade do desejo sexual, ou seja, a protagonista já sabe que se sente atraída pelo sexo feminino, a possibilidade de expor esse desejo para o mundo ainda engatinha. Apesar de existir um avanço no que diz respeito à homofobia, nos dias de hoje, a relutância da protagonista em apresentar sua namorada para o seu círculo social mostra que ainda há um medo de sofrer preconceito e discriminação quando se ama alguém do mesmo sexo. Segundo Lúcia Facco, em *As heroínas saem do armário* (2003), “o desejo feminino e, por consequência lógica, o desejo lésbico vêm sendo silenciados por tanto tempo devido, exatamente, à preocupação em se manter o sistema de dominação das sociedades falocráticas, em que há sempre uma sujeição das mulheres ao



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

discurso ditado pelos homens” (FACCO, 2003, p. 71). Logo, uma mulher que ama outra rompe com o *modus operandi* da nossa sociedade, colocando em jogo um sistema criado e mantido de acordo com uma lógica patriarcal.

Há, contudo, também a visão inocente e ainda ignorante a esse tipo de construção social. “Amora”, conto homônimo ao livro de Natalia Borges Polessio, fala sobre os primeiros amores de Amora, um pré-adolescente medalhista de xadrez. Seu primeiro amor foi Júnior, um menino que conheceu em um campeonato de xadrez. O jovem, entretanto, não demonstra interesse por ela, chegando a perguntar se a menina não tem outra irmã que também jogue xadrez. Amora atribui instantaneamente o desinteresse a sua aparência física: cabelos presos, boné, camiseta comprida em um corpo sem curvas.

Esse é o primeiro ponto a ser tocado: por ter uma aparência atribuída ao corpo e ao estilo masculino, Amora não se apresenta como uma possibilidade amorosa para Júnior, que a coloca num lugar de semelhante, não de desejada. Navarro-Swain explana sobre a ligação que se faz entre uma aparência sem as ditas características femininas e a lesbianidade:

Assim, como se pode notar na definição dos dicionários, as conotações, as significações que acompanham a palavra “lésbica” são sempre negativas: mulher-macho, paraíba, mulher feia, mal-amada, desprezada. As imagens revelam dessa forma ou uma caricatura do homem ou uma mulher frustrada, uma mulher que foge ao paradigma da beleza e da “feminilidade” e escolhe a companhia feminina por não atrair os homens. (NAVARRO SWAIN, 2004, p. 35)

Não performar esse padrão de feminilidade imposto às mulheres é, para os parâmetros sociais, colocar-se automaticamente dentro de um lugar que não preenche o desejo masculino. Nesse viés de pensamento, assemelhar-se, seja física ou comportamentalmente, ao sexo masculino significa, necessariamente, assemelhar-se também ao padrão de desejo do sexo masculino, excluindo a possibilidade de que uma mulher que não performa feminilidade seja heterossexual.

O segundo primeiro amor de Amora é Angélica, sua oponente também em um torneio de xadrez. Angélica é apresentada como uma menina que perdeu sua mão direita em um atropelamento. Esse fato, aparentemente, é o que atrai a curiosidade de Amora sobre



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

a menina. Em sua primeira interação fora da competição, Amora, porém, já demonstrava o início de um sentimento amoroso pela menina: “Amora sentiu que a pedra de carvão avermelhava seu ventre numa mistura de excitação e embaraço. Angélica lhe sorriu e ajeitou uma mecha do cabelo de Amora. Ela suspirou. Amora sabia o que era aquilo, mas não entendia como podia ser.” (POLESSO, 2015, p. 155). A amizade entre as duas prosseguiu após esse início de sentimento, sendo fruto de muita alegria e animação para a protagonista. Um dia, no decorrer do ano em que se conheceram, houve a declaração embaixo da jabuticabeira da escola, no mesmo lugar em que tiveram sua primeira conversa:

Ambas sentiam todas aquelas coisas que não teriam nomes, todos aqueles movimentos dentro. Até que Angélica disse: Amora, eu te amo. Amora continuou olhando para frente, onde umas crianças brincavam no parquinho do pátio. Deitou a cabeça no ombro de Angélica, que lhe deu um beijo na têmpora, um beijo comprido, cheio de pensamentos quentes. Mas foi a coisa mais brega, dita depois, que fez Amora entender: Você é quase toda amor.” (POLESSO, 2015, p. 156)

De modo diferente do que acontece em “Minha prima está na cidade”, em que a relação homoafetiva se dá entre duas adultas e se mostra atravessada por medo e insegurança social, em “Amora”, a representação do amor romântico entre duas meninas é naturalizada por elas, fruto de um amor legítimo, tão corriqueiro quanto qualquer relação heterossexual. As amoras, nesse caso, conseguem se desprender - talvez por estarem imersas em um contexto ainda infantil, portanto ingênuo - de julgamentos sociais e morais, e acolhem com tranquilidade o sentimento existente entre elas.

O último conto analisado neste artigo vai por um caminho diferente do que acontece em “Amora”. Em “Umhas pernas grossas”, a narradora passa por um longo caminho de questionamento da sua sexualidade até se entender como uma mulher lésbica. A história inicia no passado de uma adolescente que jogava no time de futebol da escola. Ela começa falando sobre a suspeita de que algumas de suas colegas de time estivessem se relacionando com outras meninas:

Nós tínhamos catorze, quinze anos e todas nós confiávamos cegamente na revistinha do horóscopo, éramos meninas, fazíamos coisas que diziam ser de meninas. Será que o futebol era um indicador? Acho que não, quase todas as meninas tinham namorado, menos a Greice



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

e a Kelli, e eu não tinha porque era puta mesmo, como diziam, ficava com todo mundo.” (Polessso, 2015, p. 178)

Há, desde o começo do conto, uma indagação sobre a sua sexualidade: se faziam “coisas de meninas”, podiam ser lésbicas? Natalia Borges Polessso utiliza uns dos estereótipos mais conhecidos em se tratando da lesbianidade: uma jovem que joga futebol. A narradora do conto, porém, ainda adiciona mais uma informação:

Na verdade, eu nem gostava muito de futebol. Eu gostava de handebol (...), mas parei de jogar, porque uma ridícula ficava me chamando de lésbica e dizia que eu me esfregava nela durante o jogo. Pelo amor de deus, eu não era lésbica, não me sentia atraída por ela, ela era feia para o meu gosto não-lésbico. Bonita mesmo era a Ariela, essa sim. (Polessso, 2015, p. 179)

Em um tom, de certa forma, de humor, a personagem reafirma com frequência não ser lésbica e como a alcunha a incomoda.

O conto, então, passa para o presente, na idade adulta da narradora, que vai a uma festa LGBT. Uma de suas ex-colegas de time, Daphne Teco-Teco, encontra-a na festa e pergunta se ela sabia que aquela era uma festa gay. A narradora responde que sim e que por isso mesmo estava lá. Daphne, então, decide apresentar sua namorada, Sandra, para a protagonista, que era ninguém menos do que a menina que a chamava de lésbica durante seu tempo de escola. “Eu olhei para a Sandra e ela quase morreu engasgada com a bebida. Ela me cumprimentou falando meu nome entre tosse e surpresa. Era a ogra que me chamava de lésbica na escola. Eu ri e disse que deveria ter ouvido com mais atenção os toques que ela me dava.” (POLESSO, 2015, p. 182). O conto termina assim, então, num tom de humor e reconciliação.

Existem dois apontamentos a seu respeito que podem ser feitos. O primeiro é a descoberta de um aspecto da sexualidade da narradora que ela mesmo desconhecia ou, ao menos, negava. Sobre isso, Simone de Beauvoir escreve: “Em verdade, nenhum fator é determinante, trata-se sempre de uma escolha efetuada em meio a um conjunto complexo e assentando numa livre decisão; nenhum destino sexual governa a vida do indivíduo: seu erotismo traduz, ao contrário, sua atitude global para com a existência” (BEAUVOIR,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

19/492016, p. 176). Dessa forma, pode-se depreender que a sexualidade é fluida, não se trata de um destino. O incômodo da narradora de “Umas pernas grossas” vem, talvez, da rotulação de sua sexualidade por alguém que não conhecia, de fato, os seus desejos sexuais.

Além disso, ressalto a postura de Sandra, que chamava, em sua juventude, a protagonista de lésbica e afirmava que, devido a isso, ela tentava assediá-la durante os jogos de handebol. O estereótipo de que toda mulher lésbica sente, necessariamente, atração por qualquer outra pessoa do sexo feminino é trazido por Polesso nesse conto. Ela mesma o destrói, salientando que, ainda que a personagem fosse lésbica, Sandra não seria seu objeto de desejo. Tania Navarro-Swain também aborda o assunto:

Existe uma fantasia entre as mulheres heterossexuais que a promiscuidade de uma lésbica representa uma certa aventura, pois acreditam que necessariamente serão objeto de assédio, projetando-se assim sobre o lesbianismo um comportamento socialmente aceito como masculino: se o homem não tenta, não é macho; para uma lésbica que se preze, também. Assim, um toque, um sorriso, um abraço podem ser imediatamente considerados como avanços sexuais da parte de uma lesbiana. (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 82)

Assim, esse conto de *Amora* aborda inúmeras temáticas sobre a afetividade lésbica: a descoberta da sexualidade e sua fluidez, o julgamento baseado em estereótipos de gênero, a comparação entre o comportamento da mulher lésbica e do homem heterossexual. Escolheu-se este conto para encerrar as análises sobre os caminhos e as descobertas das relações lésbicas nos dias de hoje, uma vez que ele, em poucas páginas, aborda tantos assuntos que permeiam as discussões sobre sexualidade que acontecem atualmente.

Conclusão

Este trabalho se propôs a analisar algumas das inúmeras representações de afetividade lésbica expostas por *Amora* (2015). Natalia Borges Polesso, nessa premiada reunião de contos, deu voz a um corpo social que fica, muitas vezes, marginalizado e não enxerga suas experiências refletidas na literatura contemporânea. A ausência de estereótipos na escrita de amores homoafetivos faz com que esse livro seja uma expressão de atenção e afeto às diferentes formas de amar. A análise não teve, em qualquer momento,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

a intenção de reduzir ou encerrar as discussões sobre esse assunto, que, muito pelo contrário, deve ser, cada vez mais, produzido e debatido, com o intuito de que o amor das amoras continue sendo descrito com um viés naturalizado e livre de preconceitos.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FACCO, Lúcia. *As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea*. São Paulo: Edições GLS, 2003

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

POLESSO, Natalia Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015.